

O Museu e a humanidade

Ulpiano Bezerra de Meneses, Jorge Melguizo, José Wisnik e Mia Couto são os nomes escolhidos para refletirmos sobre o Museu e o indivíduo, através da 23ª Conferência Geral do ICOM 2013. Cada um apresentou uma visão diferente sobre o assunto, mas que juntas proporcionam uma reflexão profunda sobre o papel da instituição museu no indivíduo e na sociedade e o papel que o indivíduo tem frente ao museu. Ao contrário da ordem proposta para assistir às palestras, irei começar por Mia Couto e terminar com Ulpiano, construindo um ciclo de reflexões.

“Vamos a um museu não exatamente para vermos artefatos, mas para nos vermos a nós próprios como inventores do tempo”. Memória, criatividade e cultura são as palavras-chaves para entrar em um mundo onde museu, sociedade e indivíduo tenham uma harmonia. Logo de início e para desenvolver sua perspectiva, o escritor e biólogo moçambicano Mia Couto nega o juízo de que o museu é como um templo do tempo, apesar de ser construído dessa forma. Nega a ideia de que a visita dentro do espaço seja para, simplesmente, observar objetos e artefatos inseridos em uma linha do tempo marcada e contínua. Além disso, chama atenção para a importância das diversidades culturais produzirem uma diversidade de museus, organizados de formas distintas e que consigam dar voz ao povo. Museus vivos que construam uma relação de emancipação da sociedade e que estejam preocupados com a formação da cidadania das pessoas. Nessa perspectiva, ajudar na construção de um futuro em que não haja dedicação à solidão e a ânsia de apenas registrar os momentos, como vivemos no presente, mas de vivê-los e absorvê-los. A partir do último pensamento do seu discurso é possível identificar precisamente a importância que dá para o envolvimento individual no passado material para as experiências do presente e o desenvolvimento do futuro, na importância de constituir não um museu templo, sacralizado e de culto, mas sim vivo e dinâmico:

“Mas o problema da nossa ausência não começa na porta dos museus começa bem mais perto, bem mais no centro da nossa própria vida que foi perdendo um centro. Começa em um mundo que nos tornou ausentes de nós próprios. No tempo da minha infância não precisávamos sair de casa para ir ao museu. Agora não chegamos nunca a entrar em casa.”

Compositor, ensaísta e professor de literatura, José Wisnik nos fez mergulhar no reino das palavras. Apresentando o seu trabalho como curador de uma exposição no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, o professor mostrou um modo diferente de trabalhar com a exibição de uma cultura escrita e oral através de uma experiência sensorial, relacionando os sentidos humanos para gerar sensações e emoções no visitante. Dualidade é a palavra-chave nessa exibição. A montagem acontece não só através da mistura de sentidos, mas também relacionando períodos temporais diferentes e misturando gêneros artísticos como a música, a literatura e a poesia. O museu, através dessa confluência de linguagens, oferece um repertório

amplo para a formação do conhecimento, da um sentido para a aprendizagem literária através da meditação entre um passado atemporal e um presente construtor, o que é muito diferente daquilo que é ensinado nas escolas, onde não se explora essas relações e a história é vista de modo congelado, isolado e vazio de sentido. Wisnik ressalta a importância de navegar entre as realidades: a oralidade e a escrita e aquilo que é erudito e popular, o que é um exercício difícil e complexo, mas que pode incentivar a leitura e o debate, além de tentar tornar o estudo literário e artístico acessível.

Com uma fala profunda e emocionante, o colombiano Jorge Melguizo abarcou as reflexões concretas essenciais sobre as ambições da instituição do museu, reflexões essas que os outros palestrantes também trataram em suas falas. Dividido em três partes, o discurso se iniciou com a experiência anterior a entrada no museu: como as pessoas se sentem frente à instituição e o que se deve esperar dela. Grande parte da população urbana, principalmente na América Latina, não sente necessidade de inserir o museu dentro de seu cotidiano, principalmente por se sentirem intimidados por ele. Hoje, o museu se caracteriza como um espaço de exclusão, e não de inclusão como se é esperado, em parte por conta da ausência de conhecimento e expectativa sobre o que encontrar dentro dele. A partir daí surge o questionamento metacuratorial sobre o que significa um museu e qual é a sua função no contexto das cidades e nas diferentes culturas em que está inserido. Trata-se de conservar, preservar ou de construir novos patrimônios? O museu deve ser constituído como uma sala de exibição ou como um centro de projetos culturais? Que curadorias os museus e as nossas cidades precisam? Todas essas questões formam a transição para a segunda parte reflexiva de Melguizo, em que ele fala sobre o papel da experiência museológica.

“A cultura e a política são duas caras da mesma moeda. Assim como a ética e a estética.”

Para o palestrante é essencial pensar na relação direta entre política e cultura, pois esta é transformadora da sociedade. Isso porque a arte e a cultura nunca estão vazias de significados e intenções, não há como existir neutralidade na experiência cultural e, portanto, essa experiência deve explorar o seu caráter político. O museu como parte dessa estrutura tem responsabilidades com todo o conteúdo que vai abordar e como ele será abordado. É papel da curadoria, permitir um ambiente receptivo e claro de suas intenções, fazendo o visitante se sentir parte da transformação e das discussões, se sentindo inserido na própria cultura. Portanto, os museus não só deveriam se estruturar de uma forma mais dinâmica e comunicativa, como devem ser filhos do contexto social, político, temporal e cultural em que estão inseridos, se preocupando um pouco menos com sua coleção.

Tudo isso nos leva a pergunta tema de sua palestra, “O que deve acontecer quando você sai do museu?”. Inicialmente podemos responder essa pergunta com uma afirmação simples: deveríamos sair do museu com mais perguntas do que quando entramos e com mais perguntas do que respostas. Para Melguizo, são esses questionamentos que possibilitam a construção do conhecimento e da identidade frente à sociedade, permitindo a formação da cidadania e da ética individual. Pensando nas intenções da conferência em discorrer sobre memória, criatividade e cultura, vemos a responsabilidade que o museu tem e a importância que é construir uma curadoria que proporcione uma experiência de êxtase, sensações e

emoções no visitante. São essas emoções que irão permitir o estabelecimento de memórias e o sentimento de apropriação cultural para a criação de debates, possibilitando o desenvolvimento da sociedade. Entregar respostas prontas, como é feito hoje em grande parte dos museus e principalmente como é tratado o ensino nas escolas, não gera interesse no conhecimento. É o mistério do ciclo de perguntas que estimula a construção desse conhecimento, tanto coletivo quanto individual.

Para encerrar o ciclo temos “O Museu e a Condição Humana: o horizonte sensorial” de Ulpiano Bezerra de Meneses. Ao contrário da fala concreta de Melguizo, Ulpiano se aproxima da abstração. Suas reflexões giram em torno da condição humana, das suas sensações e ações.

“A imaterialidade só pode se expressar por meio da materialidade”

A citação acima, do próprio Ulpiano, é extremamente importante para acompanhar a sua linha de raciocínio. Convidado para fazer a palestra de abertura da conferência, ele fez questão de abordar, inicialmente, a questão do corpo e a trajetória entre as percepções humanas, imaterialidade e ações, através da materialidade. Alegando que o ser humano ‘é’ um corpo, excluí-se a simples constatação da posse desse corpo. É apenas por meio dele que é possível, através dos sentidos, garantir as trocas biológicas, psíquicas e sociais. São as interações que geram a existência de um cosmo que abarque o indivíduo, os seus semelhantes, a natureza e o transcendental. Como seria possível construir discursos sem recorrer à memória? Como seria possível recorrer à memória sem a experiência de sentidos em relação ao mundo exterior? A questão da memória aparece novamente na fala de Ulpiano quando diz sobre a memória textual e a memória experiencial. A memória textual é o conhecimento **sobre** as coisas, quando se lê memórias. Já a memória experiencial é o conhecimento adquirido da experiência, a memória **a partir** das coisas. Quando o historiador parte para refletir sobre o museu ele fala que, apesar de ser um lugar de memória, ele acaba se reduzindo a uma “vitrine de uma memória blindada de experiência”. Ao invés de dinamicidade, a experiência museológica se reduz a uma mera passagem já que há a desmaterialização da cultura material e o congelamento dos significados das coisas.

O aprendizado que tiramos das quatro palestras vistas da ICOM 2013 é a importância da instituição museu em formular perguntas para o espectador, fornecer a partir da cultura material uma série de associações e simbologias que provoquem o interesse pela história e pela política. Sendo assim, o espectador pode ter voz ativa dentro da sua realidade cultural e desfrutar de todas as sensações que uma experiência pode lhe proporcionar.